



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

POSIÇÃO E CRISE DE IDENTIDADE EM *RETALHOS*, DE CRAIG THOMPSON: UMA HISTÓRIA DE FAMÍLIA

Rosângela Queiroz

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

rosangelamsdequeiroz@gmail.com

Resumo: Este artigo examina a crise de identidade na história em quadrinho **Retalhos** (2003), do escritor e quadrinista norte-americano Craig Thompson. Consistindo numa das facetas do mal-estar cultural, este afeto do ego será estudado em relação ao conceito psicanalítico de posição, definido como o estatuto do indivíduo no âmbito da relação objetal por ele entretida com a sociedade, com os outros e consigo próprio. Pretende-se, para tanto, uma interação entre os postulados teóricos da Psicanálise, dos Estudos Culturais em Literatura e da Semiótica. Em caráter mais específico, busca-se: caracterizar a natureza do “mal-estar” que acomete o narrador-personagem; demonstrar psicanaliticamente o desenvolvimento do seu processo de tomada de posição, no que concerne à crise identitária por ele experimentada; apontar o papel dos mecanismos de defesa do ego como possíveis instrumentos para a acomodação, caracterizando-a como elemento de repressão ou de retardamento ao doloroso e inevitável processo de (re) constituição da identidade pelo qual a personagem deve passar; apontar o papel da memória como instrumento de aquisição da integridade do ego; observar como os quadrinhos representam/mimetizam, na interface palavra x imagem, o mal-estar cultural que se encontra na raiz da crise de identidade vivida pelo protagonista da narrativa; destacar as possíveis interações que a palavra e a imagem permitem enquanto intersemioses identificadas a processos de significação correlatos, embora distintos, como a narrativa literária e a linguagem visual dos quadrinhos.

Palavras-chave: posição, crise de identidade, psicanálise.

Primeiras palavras

Com base na psicanálise, nos estudos culturais e na semiótica, o objetivo principal deste artigo é o de caracterizar a crise de identidade vivida por Craig Thompson na autonarrativa em quadrinhos **Retalhos**, considerando a sua influência no processo de tomada de posição, bem como o papel da escrita de si como elemento de superação do conflito interior. Os principais fatores que determinantes do mal-estar são os seguintes: a) desconfiança quanto às perspectivas de futuro, originada do descaso e/ou da descrença em



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

relação ao presente; b) inadequação ao ambiente familiar/social; c) sensação de impotência/insuficiência para lidar com os próprios dilemas e experiências a eles relacionadas; d) sensação de abandono, desamparo, solidão, angústia, tristeza e medo existencial, proveniente da ausência de teogonias confortadoras e da descrença nas instituições e autoridades constituídas; e) sensação de esmagamento sob o peso da atribuição autoimposta de trazer ordem ao caos interior e exterior.

Nesta perspectiva, o principal problema focado pela análise constitui-se na seguinte indagação: até que ponto as escolhas realizadas por Craig traduzem o desejo interior do prevaletimento de sua identidade individual – de sua subjetivação – ou simplesmente reforçam os termos da norma social vigente, como se reafirmá-los tornasse mais “confortável” uma determinada posição, ainda que através do autoenvilecimento e da negação, mesmo que temporária, de si próprio?

O romance gráfico na confluência de linguagens

O gênero midiático-literário ‘romance gráfico’ é caracterizado pelo texto verbo-pictórico. Surgido em 1985, foi sistematizado pelos quadrinistas norte-americanos Will Eisner, em **Quadrinhos e arte sequencial** (2010) e Scott McCloud, em **Desvendando os quadrinhos** (2005). Ilustradas com o mesmo *layout* das histórias em quadrinhos, ambas as obras consistem em *metacomics*, assim definidas por Eisner (2010, p. 65) como histórias em quadrinhos que explicam como fazer quadrinhos, debruçando-se sobre a sua metalinguagem. Em **Narrativas gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos** (2005), Eisner afirma que o romance gráfico exige sofisticação literária não apenas do escritor, mas principalmente do artista.

Elemento crucial nas narrativas literárias, o tempo nas histórias em quadrinhos é mostrado quadro a quadro (um dado importante para a composição de uma narrativa de cunho memorialístico, como **Retalhos**), cada um deles plasmando um único momento na linha temporal. Criando a ilusão de tempo e movimento, a mente preenche os momentos interpostos, “como uma linha desenhada entre dois pontos”, o que permite que as figuras e os



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

intervalos entre elas criem a ilusão de tempo. “As palavras, por sua vez, introduzem o tempo representando aquilo que só pode existir no tempo – som” (MCCLLOUD, 2005, p. 94-95).

Nossos olhos, afirma o autor, se acostumaram a ver qualquer cena como um momento único, pela constante arte fotográfica e representacional a que somos expostos. No entanto, as ações que acreditamos estarem ocorrendo simultaneamente, na verdade não o estão, uma vez que, como aponta McCloud, “os rostos e as palavras também são combinados no tempo”. A propriedade da ‘imagem única’ e contínua, enquanto isso, tende a combinar cada figura com outra imagem única, momento único (p. 96)”. Cada figura se organiza da esquerda para direita na sequência de leitura, ocupando um espaço distinto de tempo. Contudo, nem todos os quadros são dessa forma. Por exemplo, um quadro mudo pode representar, de fato, um único momento. Quando nele se introduz som, o quadro muda; porém, se o “silêncio” de um quadro é “quebrado” com um texto narrativo, o ‘momento único’ é mantido. Os ícones que chamamos de “molduras” ou quadros, segundo McCloud, não têm significado fixo e absoluto, nem seu significado é fluido e maleável. “O quadro age como um tipo de indicador geral de que o tempo ou o espaço está sendo dividido” (p 98).

Assim como Eisner (2010), McCloud argumenta que “a duração do tempo e as dimensões do espaço são definidas mais pelo conteúdo do quadro do que pelo quadro em si.” Devido ao fato de que as formas dos quadros variam constantemente, o que não interfere no “significado” específico dos quadros em relação ao tempo, “elas podem afetar a experiência da leitura.” Isso permite relacionar o tempo representado nos quadrinhos e o tempo percebido por quem está lendo. Quando aprendemos a ler quadrinhos, a firma o autor, aprendemos a perceber o tempo espacialmente, pois, nas histórias em quadrinhos, tempo e espaço são uma única coisa.” (MCCLLOUD, 2005, p. 99-100)

Uma identidade em *Retalhos*: reunindo os fragmentos dispersos do eu

Na autobiografia **Retalhos** (2003), o escritor e quadrinista norte-americano Craig Thompson remete o leitor aos anos 1980 e 1990 e conta de sua infância e adolescência, numa



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

família rigidamente cristã de classe média baixa do estado de Wisconsin. Menino profundamente carente de atenção e afeto, Craig relembra quadro a quadro a relação com seu irmão mais novo, Phil, pontuada pela competição natural à rivalidade fraterna e por eventos bem mais traumáticos: a brutalidade do pai, a resignada indiferença da mãe, a presença do *baby-sitter* pedófilo, as humilhações diárias pelos valentões da escola, a exclusão devida à pobreza, o arrocho ideológico da religião despida de elementos de consolo e de resposta às inquietações interiores.

Os momentos de maior sensibilidade e poesia da narrativa são aqueles em que Craig, adolescente, apresenta Raina, a primeira namorada. Os “retalhos” do título configuram-se tanto na narrativa fragmentada, que vai e volta na linha do tempo, quanto na lembrança marcante do presente dado a ele por Raina, uma colcha de retalhos, que passa a traduzir o processo de aceitação de si próprio através da compreensão e aceitação do passado. Dessa forma, **Retalhos** caracteriza-se como uma espécie de exorcismo simbólico, que permite a Craig finalmente fazer as pazes consigo, com a própria história e com as pessoas que dela fizeram parte.

Narrado em primeira pessoa, **Retalhos** mimetiza em texto e imagem a trajetória da infância, adolescência e início da fase adulta do autor. Os primeiros quadros relatam em *flashback*, pela voz e pelos olhos de Craig-narrador, as cenas de *bullying* na escola; a autoridade grosseira do pai e o conformismo religioso da mãe (acrescidos da profunda indiferença de ambos); a impotência e a vulnerabilidade das crianças, enclausuradas no respeito aos pais e à religião imposta.

Craig se culpa por “desejar o mal” daqueles que o infelicitam (“se Deus pudesse me perdoar por todas as vezes que imaginei gente comendo suas próprias fezes”, p. 29). A indicação de retribuir o mal com o bem não exorciza a raiva latente, que comparece no ‘gesto acusatório’ de nos quadrinhos indicar com setas, como dedos que apontam, os autores das agressões mais habituais: a professora, os valentões, o *baby-sitter* pedófilo. O que Craig expressa consiste em agressividade na forma de violência ressentida, na qual o indivíduo vitimado tem legitimado o seu comportamento – que a consciência rotula de covarde – pela



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

impotência e pela dor, ao mesmo tempo em que transige da ordenação religiosa do perdão incondicional realizando na fantasia a vingança que não pode efetivar no plano da realidade. No passado, os maus comem os próprios excrementos; no presente, a narrativa gráfica dos fatos funciona como libelo acusatório (NAFFAH NETO,1997).

À mágoa, portanto, soma-se a incerteza do perdão divino. A figura abaixo permite observar os reflexos da culpa na memória de Craig, pela forma como retrata o irmão, que ele julga dever ter sido capaz de defender: pequeno e frágil, olhar inocente, traduzindo total confiança, enquanto segue levado pela mão do molestador. Há, ainda, uma tentativa de autojustificativa inconsciente da impotência: o narrador não deixa de mostrar que ele precedeu o irmão no quarto com o *baby-sitter*; além do mais, em todos os quadrinhos em que o molestador aparece, ele é grande, forte, e o contraste entre ele e os meninos é visível:



Fig.1, *Retalhos*, p. 31.

A impotência diante dos fatos, a impossibilidade de satisfazer expectativas suas e dos adultos e a culpa daí decorrente (“por favor, me perdoe”, p.87) faz com que Craig busque desesperadamente, através da oração e mediante duros embates depressivos, o perdão de Deus:

Perdoe-me, Deus, por fugir da cabana e por mentir e por não ler a Bíblia e por não pregar sua palavra e por atormentar o meu irmãozinho e por xingar



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

alguém de BABACA e por desenhar uma senhora sem roupas aquela vez e por frustrar meus pais e tudo o mais (THOMPSON, *RET*, 2003, P. 87).

Preferindo o isolamento, busca recantos improváveis, como o sistema de aquecimento do acampamento de inverno da escola dominical, onde o barulho da máquina e o calor gerado mecanicamente oferecem a sensação de consolo, alívio e proteção – as letras MMMMMMMMMMM, como numa espécie de ‘canção de ninar’ envolvem, na cena retratada, a personagem, colocada em posição fetal. Craig, açoitado pelo meio hostil, regride inconscientemente a uma etapa de sua formação que lhe permite alheamento/distanciamento, além da ilusão de segurança e conforto.

A escola dominical ensina que a vida na Terra é curta e o sofrimento, provisório, mas, no Céu, passa a ser eterna e perfeita, bastando para atingi-la suportar estoicamente os embates do presente. Craig acredita fortemente nessa ideia, a ponto de fazer disso uma meta. Durante a puberdade, no entanto, o seu agudo senso crítico pouco a pouco foi descortinando um panorama conflitante entre desejo e realidade:

Processo de amadurecimento? Isso eu não podia engolir. Me ensinaram que as palavras da Bíblia tinham saído direto da boca de Deus. Se elas foram mesmo sutilmente modificadas por gerações de escribas e pasteurizadas a cada tradução, então – para mim – sua verdade havia terminado. De repente vi que era absurdo que algo divino como a voz de Deus pudesse ser resumido em forma física (e produzida (*sic*) em massa (THOMPSON, 2003, *RET*, p. 449).

Para Rustin (2000), as figuras parentais são representadas pela mente infantil como objetos internos fantasiados, de natureza formativa. Dessa forma, a agressividade do pai; a intolerância e inconsistência dos professores e autoridades religiosas; a incapacidade de monitores e supervisores de funcionarem como reais interlocutores para as dúvidas e anseios de Craig, bem como a alienação religiosa da mãe, consistiram na série de fatores que, juntamente com as dificuldades financeiras e a falta de relações de amizade significativas, fizeram da sua infância uma experiência frustrante que trouxe como consequência o medo, por ele reportado, de crescer e tornar-se igual aos demais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Resquício do complexo de Édipo, o medo de crescer constitui-se, parcial e inconscientemente, a partir das relações interpessoais presentes no histórico infantil. De acordo com Heimann (1969), as crianças fantasiam, num mundo interior, réplicas de pessoas e objetos que as circundam, mas, qualquer que seja o caráter de idealização decorrente da fantasia, o ego não perde de vista a consciência do mundo exterior e a existência das pessoas e objetos reais. A fantasia infantil, refletindo a natureza imatura, polimórfica, libidinal e destrutiva dos impulsos instintivos infantis, circunscreve tais experiências ao domínio dos impulsos instintivos. Apesar da introjeção e projeção constituírem defesa contra as frustrações e a perda do objeto, esses mecanismos ocasionam ansiedade reprimida (KLEIN, 1950), refletida, no caso de Craig, no medo de crescer.

Adolescente, Craig sente recrudescer o conflito interior com a educação doméstica e o meio social. Ainda busca conforto na religião, mas agora encontra muito menos respostas que perguntas. Como compensação à solidão, reúne-se a outros “rejeitados”, como ele, passando a fazer parte da turma dos ‘esquisitos’. Apaixona-se por Raina, um dos membros da turma.

A compensação, embora a psicanálise a veja como fruto dos desejos humanos, como uma ilusão à qual o indivíduo se agarra para fugir da realidade, é fundamental para o estabelecimento de relações objetais que contribuam para a integridade do ego. Freud (1997) aponta que a compensação não deve necessariamente ser tida como erro, mas como investimento. Presentemente, os estudos da cultura e da identidade possibilitam equiparar o enquadramento em qualquer grupo no “sentimento de pertença”, que de acordo com Bauman (2005; 1999; 1998), “oferece ao indivíduo, na acepção em que Freud o analisa, o derivativo da inclusão, juntamente com outros a ele semelhantes”; quando se considera o grupo religioso, o indivíduo insere-se dentro de um esquema grandioso de cuidado e proteção por parte de um poder superior que a tudo domina.

O temor de Craig, a partir de então, passa a ser o de transferir seus medos de adolescente para a fase adulta. O aprofundamento das reflexões relativizantes acerca do *certo* e do *errado* trai o desenvolvimento de um difícil diálogo entre o indivíduo e o agente crítico.



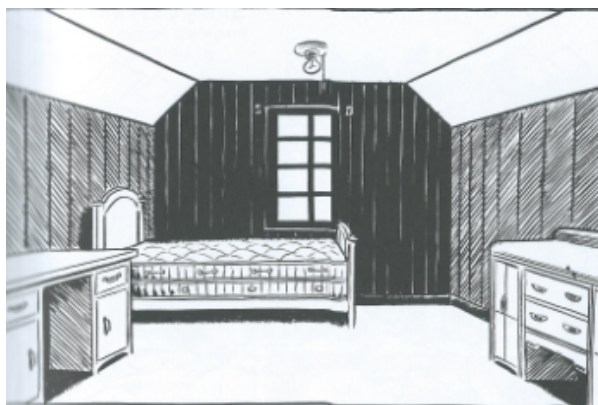
XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Craig mostra-se agora duplamente culpado (dessa vez conscientemente), por não haver protegido o irmão mais novo dos abusos ocorridos no passado – assunto sobre o qual nunca conversaram – e por estar perdendo a fé.

Numa relação que Freud qualifica de sádica, a consciência, enquanto instância julgadora do ego, é atribuição do superego, funcionando a necessidade de punição como alternativa, por vezes a única, para o equacionamento do mal-estar. O remorso, nessa perspectiva, como reação ao sentimento de culpa, constitui uma manifestação instintiva por parte do ego, tornado masoquista sob a influência do superego. Aceitar a responsabilidade sobre os atos que a consciência reprova e punir-se sistematicamente por isso equivale psicanaliticamente a reagir masoquisticamente ao assédio do agente crítico, tendo como dividendo o eximir-se do julgamento dos outros.

Questionando febrilmente as verdades antes inquestionáveis que o torturavam,

Craig dá início ao processo de mudança de posição, vale dizer, começa a amadurecer. A partir daí, revisa em moldes totalmente diferentes a própria culpa diante da impotência em face do sistema (escola, colegas, pais, religião, professores): até que ponto não ele, mas *os outros*, falharam? Por que só ele estaria necessariamente errado? Aos vinte anos, sai da casa dos pais, para onde só retorna em datas importantes para o calendário familiar: a formatura e posteriormente o casamento do irmão caçula, os natais... Somente com Phil desabafa sobre a perda da fé.





XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Fig. 2. Retalhos, p. 529.

Na figura 2, a imagem do quarto abandonado, ou melhor, deixado para trás, sugere arrumação, limpeza, ordenamento – inclusive da “casa interior” do autor em relação ao seu passado. A falta de enfeites e de detalhes suavizadores (colcha, almofadas, cortinas, tapete, objetos de uso pessoal, etc.) é índice que sugere a ausência e distanciamento do eu, que já não se encontra ali. As experiências que lá tiveram lugar, por muito duras, não se associam, para ele, à saudade e nostalgia naturais da rememoração da fase adolescente; é uma quase mágoa que se mistura à composição da imagem. A avaliação de Craig, da mesma forma, é fria, objetiva, desataviada. Entretanto, aquele ambiente que moldou a sua posição como adulto – de superação, entendimento – permanece em sua memória, como extensão da escola e da educação dos pais; não há apego, mas reconhecimento. A imagem sugere ainda uma “arrumação” do conteúdo interior ligado àquelas relações objetais das quais a visão do quarto é evocativa.

Funciona também como uma representação da antecâmara do inconsciente mais profundo, local do acervo das memórias, do depósito das culpas, do acúmulo dos conhecimentos. Ao fundo, na parede escura, aparece o “quartinho do castigo”, uma dependência da casa que acumulava, além da função óbvia, a de quarto de despejo, situado abaixo do vão da escada do quarto dos garotos retratado na imagem. É lá que Craig, nos últimos lances da narrativa, entra para enfrentar dores fortemente recalcadas, como o rompimento com Raina, por exemplo. Realiza, na verdade, o coroamento do processo iniciado por ocasião das visitas aos pais e ao antigo lar, sempre buscando os lugares significativos da infância e da adolescência, como forma de reafirmar a diferença entre o presente e o passado. Embora, apesar de adulto, ainda se sinta de certo modo vulnerável na presença dos pais, como se o antigo menino ainda tivesse a necessidade de experimentar a aprovação destes, já não os retrata como os gigantes que o olhavam de cima com raiva (o pai) ou com resignada indiferença (a mãe). Silenciando sobre tudo o que supõe desagradar aos pais, Craig ainda



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

deseja ser o filho obediente, que faz tudo certo; honrar pai e mãe continua na ordem do dia para ele, que não consegue lidar com a possibilidade de incorrer na desaprovação dos velhos.

Dois símbolos de superação do passado, e que prenunciam a saída de Craig da casa dos pais, são fundamentais para a compreensão do processo psicológico por ele vivido: a colcha de retalhos e o painel pintado na parede. Presente de Raina durante o curto período de namoro, a colcha foi costurada com retalhos de tecidos que possuíam, cada um, a sua história, pois eram representativos de vários momentos da vida da jovem. Como retribuição, Craig oferece um presente de natureza igualmente pessoal: pinta na parede do quarto da namorada um painel gigante, representando os dois sentados num dos galhos da árvore existente no jardim da casa. Findo o namoro, Raina apaga o painel poucos dias depois, significativamente cobrindo-o de branco, sugerindo a abertura para novas relações objetais, vencido o luto.

Para Craig, entretanto, o processo é muito mais demorado e doloroso. Sente profunda dificuldade em aceitar a ausência de Raina. Ao partir da casa dos pais, faz uma limpeza completa no quarto (Fig. 2), mas a colcha é colocada numa sacola que vai ser jogada no “quartinho do castigo”, de onde só sairá anos depois, quando Craig volta para o casamento de Phil. Como se revisitasse o repositório das próprias dores e perdas não aceitas, pela primeira vez ele consegue forças para abrir o compartimento sujo e empoeirado e de lá retirar a sacola. Abrindo-a, experimenta uma espécie de epifania: se não houvesse saído de casa, do círculo social em que vivia; se não houvesse se afastado da convivência dos pais, professores e colegas, não teria descoberto quem realmente é. Ao contrário do que aprendeu na infância e adolescência, a felicidade não nasce meramente de um desejo interior, mas do empenho do indivíduo em buscar construí-la. Craig permite-se até mudar a passagem correspondente da Bíblia: “porque o Reino de Deus está dentro de e/ou entre vocês” (p. 565).

Guardar a colcha ao invés de destruí-la, para depois reabri-la, equivale a revisitar o passado sem negá-lo. Por esse procedimento, Craig incorpora positivamente a experiência; reconcilia-se consigo mesmo, inclusive com a religião, ao compreender que também, embora não só, reside dentro dele o poder de gerir a sua própria história e transforma-la em conhecimento.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Palavras finais

Freud (1996), ao comparar as funções que a religião preenche frente às experiências infantis/juvenis, afirma que do mesmo modo que a criança atribui características de “super-herói” ao pai, o adulto, em sua maturidade, atribui essa característica a Deus. No caso de Craig, ele foi criado num mundo em que apenas Deus tinha o poder, ele não menciona o pai como um “super-herói”. No momento em que sua visão de mundo – sua *Weltanschauung* – o faz questionar o que é verdade ou mentira sobre o cristianismo, sua fé desmorona. Ele se dá conta de que viveu a infância e a adolescência iludido, obrigado a conviver com o mal-estar da culpa pela transgressão ou pelo desejo dela, confiando em um futuro perfeito num lugar perfeito, um céu improvável, quando todas as construções do presente levavam à direção oposta. Adulto, descobre esta relação de plenitude entre crença e realização como estado de espírito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- EISNER, Will. **Narrativas gráficas**: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos. São Paulo: Devir, 2005.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: **Obras completas**. Trad. James Strachey [inglês] e Jayme Salomão [português]. Edição Standard Brasileira. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise.

In: **Obras completas**. Trad. James Strachey [inglês] e Jayme Salomão [português]. Edição Standard Brasileira. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. [1932]. Conferência XXXV: A questão de uma *Weltanschauung*. In FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HEIMANN, Paula. Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In: KLEIN, Melanie et. al. **Os Progressos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores Ed., 1969.

KLEIN, Melanie. **Contributions to psycho-analysis**. London: Hogarth Press, 1950.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos: história, criação, desenho, animação, roteiro**. Trad. Hélcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2005.

NAFFAH NETO, Alfredo. **Violência e ressentimento: a psicanálise diante do niilismo contemporâneo**. São Paulo: HUCITEC., 1997.

RUSTIN, Michael. Psicanálise e cultura: psicanálise kleiniana e teoria cultural. In: RUSTIN, Michael. **A boa sociedade e o mundo interno: psicanálise, política e cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

THOMPSON, Craig. **Retalhos**. Trad. Érico Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 (Selo Quadrinhos na Cia.).